



VOZ DA FÁTIMA

Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: «Ó Jesus, é por vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria».

(PALAVRAS DE NOSSA SENHORA)

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas «Oficinas da Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XXXVI—N.º 422
13 de NOVEMBRO de 1957

AVENÇA

HÁ QUARENTA ANOS E HOJE

Ontem e hoje

«Celebramos hoje o 40.º aniversário da sexta e última aparição, na qual tomou parte o mesmo Céu, com o deslumbrante fenómeno do sol, que se uniu aos fiéis a glorificar a Virgem Maria. A imensa multidão, mais de cinquenta mil pessoas, ficou, num primeiro tempo, cheia de temor e assombro, rompendo depois num entusiasmo delirante de hossanas e vivas a Maria. E enquanto aquela enorme multidão olhava para o Céu como que extasiada, os três pequenos Videntes pensavam em seus corações na despedida da Virgem. Era aquela a última aparição, aquele o último colóquio, a última exortação da Virgem, recomendando que não se deixasse de recitar o Rosário todos os dias».

O Eminentíssimo Cardeal Caetano Cicognani, Prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos e Pró-Prefeito do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica, que veio propositadamente de Roma a fim de presidir na Fátima à peregrinação de 12 e 13 de Outubro findo, sintetizava assim, no final do seu notabilíssimo discurso, proferido em português, durante o soleníssimo Pontifical do dia 13, os acontecimentos de há 40 anos, motivo de glória e regozijo para a Igreja que observa Fátima através dos prodígios de Maria — «prodígios do espírito, prodígios da natureza... e, acima de todos, o prodígio desta assembleia de Fé e Amor, desta luz que da Fátima se expande sobre todo o mundo».

«Inter Vestibulum»

«Fazei soar a trombeta em Sião... convocai uma assembleia, fazei vir todo o povo, adverti a todos em geral que se purifiquem, congregai os pequeninos...» — clamava o Profeta (Joel, I, 15-16) incitando o povo a voltar-se para o seu Deus.

Agora soara da Fátima o mesmo brado que a todos congregava para junto do altar — não para conjurar o flagelo da seca e dos insectos mas para, simultaneamente, dar graças ao Altíssimo que em hora tenebrosa nos dissera «Ecce Ego» e impetrar a sua misericórdia nas presentes calamidades — tantas ruínas materiais e morais; tantas dores, tantas agonias dos pais, das mães, dos esposos, dos irmãos, das criancinhas inocentes... tantas almas torturadas e agonizantes, tantas em perigo de se perderem eternamente!

Desde as 8 horas do dia 10 até às 12 horas do dia 13, noite e dia, ininterruptamente, por especialíssima concessão da Santa Sé, foram celebradas Missas na Basílica do Santuário da Fátima como tríduo preparatório para a comemoração solene do 40.º aniversário da última aparição de 1917. A intenção primária deste rosário de Missas — cento e cinquenta — foi a Pessoa Augusta do Vigário de Cristo, Sua Santidade Pio XII. A segunda, aquela nação que «espalha seus erros pelo Mundo», cuja conversão é parte integrante da Mensagem da Fátima.

Talvez para que o povo se purificasse mais nas aras da penitência, o tríduo que precedeu o dia 13 decorreu com um céu semeado de nuvens que por vezes, nomeadamente na tarde de 12, se desentranharam em fortes aguaceiros. A chuva, impiedosa, fustigava os romeiros de pés esfacelados em percursos de dezenas de quilómetros, ensanguentando caminhos de pisos ásperos ou as estradas que levam à Cova da Iria. Mas, como no lon-

No ermo agreste da Serra d'Aire acendeu-se uma luz potentíssima, onde a Nação portuguesa reencontrou a salvação e onde a Igreja reconhece novíssimo convite de Deus, que quer salvar as almas pela mediação da Santíssima Virgem

ginqüo 13 de Outubro de 1917, o sol, rompendo as cortinas do firmamento, dardejava seus raios e aquecia os membros entorpecidos dos caminhantes, pondo-lhes na alma um alento novo. Depois de tão longas caminhadas, esses peregrinos têm, a maior parte deles, por abrigo o céu plúmbeo ou estrelado. Nas peregrinações à Fátima os «sem abrigo» põem uma nota que a neo-civilização condena e é, todavia, reveladora do espírito de sacrifício da nossa gente. Do Céu a Santíssima Virgem contemplá-los-á com maternal complacência.

«O que nós lembramos com alegria»

O tempo, inclemente na tarde do dia 12, ofereceu umas tréguas cerca das 18 e 30, hora em que se efectuou a entrada oficial e solene de Sua Eminência o Cardeal Cicognani no Santuário da Fátima. O acto revestiu-se de todo o esplendor litúrgico. Junto da Cruz Alta aguardava o Eminentíssimo Purpurado pelo venerando Prelado da Diocese de Leiria o seu Auxiliar, Senhor D. João Pereira Venâncio, acompanhado dos seguintes Prelados: Senhores Arecebispo de Cizico, Bispos de Nampula, Lamego, Algarve e Limira. Aos membros do Cabido e ao Clero, secular e regular, vindos de toda a parte, juntaram-se Seminaristas, representantes de associações religiosas, civis e militares, etc.. E a multidão formara um corredor imenso, desde a Cruz Alta até à escadaria da Basílica, aglomerando-se nos dois extremos. Mons. Dr. Marques dos Santos, conforme o cerimonial litúrgico, logo que Sua Eminência desceu do carro e cumprimentou os Prelados, apresenta-lhe o Crucifixo que o Em.^{mo} Cardeal Cicognani oscula de joelhos, seguindo logo a procissão, entre ovações dos peregrinos, vivas à Igreja, ao Papa, a Sua Eminência, que a todos sorria e abençoava. A Schola Cantorum

dava o Eminentíssimo Purpurado pelo venerando Prelado da Diocese de Leiria o seu Auxiliar, Senhor D. João Pereira Venâncio, acompanhado dos seguintes Prelados: Senhores Arecebispo de Cizico, Bispos de Nampula, Lamego, Algarve e Limira. Aos membros do Cabido e ao Clero, secular e regular, vindos de toda a parte, juntaram-se Seminaristas, representantes de associações religiosas, civis e militares, etc.. E a multidão formara um corredor imenso, desde a Cruz Alta até à escadaria da Basílica, aglomerando-se nos dois extremos. Mons. Dr. Marques dos Santos, conforme o cerimonial litúrgico, logo que Sua Eminência desceu do carro e cumprimentou os Prelados, apresenta-lhe o Crucifixo que o Em.^{mo} Cardeal Cicognani oscula de joelhos, seguindo logo a procissão, entre ovações dos peregrinos, vivas à Igreja, ao Papa, a Sua Eminência, que a todos sorria e abençoava. A Schola Cantorum

dos Seminários de Leiria, o órgão, o carrilhão, numa admirável harmonia, enchiam os ares, toldados, com notas de regozijo e alegria. O cortejo deteve-se junto da Capelinha, onde o Eminentíssimo Purpurado foi ajoelhar numa prece a Nossa Senhora da Fátima, oração breve a que os peregrinos se associaram ajoelhando também. Depois retomou-se lentamente a marcha, entre cânticos e ovações, até Sua Eminência ocupar o Sóló, no alto da escadaria da Basílica.

O Senhor Bispo Auxiliar de Leiria, num timbre forte e vibrante, saudou Sua Eminência o Cardeal Cicognani e testemunhou-lhe o reconhecimento da Diocese de Leiria, e dos peregrinos da Fátima, por se haver dignado vir de Roma para presidir a esta solenidade; e logo a sua palavra enalteceu a Pessoa veneranda de Pio XII, o Papa que sempre acolhera com interesse e carinho a sublime mensagem da Cova da Iria. E concluiu: — *Os portugueses lembram com alegria que o Santo Padre Pio XII é conhecido no mundo como o Papa da Fátima.*

Velas e velada

«...À noite, a procissão de velas foi qualquer coisa que só pode definir-se assim: colossal! Ah! Este espírito de fé é verdadeiramente magnífico. É a mais bela coroa que se pode imaginar para a Santíssima Virgem!»

Assim falou Mons. Fourrey, Bispo de Belley (diocese do Santo Cura d'Ars) ao redactor do nosso diário católico, «Novidades». E Sua Excelência confessa-se vivamente emocionado e declara, ele, filho da França, que as multidões da Fátima são ainda mais impressionantes que as de Lourdes.

Porquê? Outro filho da França encontrou há muitos anos a razão: é que a Fátima é uma erupção brutal do sobrenatural.

O tremeluzir daquelas luzes na noite escura, os rios de fogo a sulcar a Cova da Iria ou o mar de lume, vivo, quieto, em que por vezes se tem transformado a imensa Praça, têm provocado incêndios de fé na alma de muitos pecadores — indiferentes ou ateus. Sob as criptas, penosamente encostados a confessionários incómodos, os Ministros de Deus vão registando no íntimo das almas os mais estupendos milagres da graça, que jamais poderão revelar. Descarregam-se a seus pés enormes montanhas de culpas, e os penitentes vão-se retirando de consciência aliviada como nunca julgaram ser possível. Eis o mistério da Fátima! O peregrino de um dia deseja sempre lá voltar!

Mercê da brisa fria e agreste, que acautelava os romeiros contra a epidemia surta na Ásia e avassaladora de todos os Continentes, a procissão de velas foi, desta vez, menos luzida e menos caudalosa. Logo se seguiu a velada eucarística. Na adoração geral o Senhor D. Domingos da Apresentação Fernandes, Bispo Titular de Acaliso e Auxiliar de Aveiro, fez apelo à nossa consciência clamando: — «...A quarenta anos de distância, nesta hora grande de comemoração festiva, no silêncio místico desta noite de Vigília, de olhos postos em Jesus Sacramentado, perguntemos a nós mesmos: Que temos feito da Mensagem da Fátima? Qual foi a nossa resposta ao apelo da Mãe Celestial? Que colaboração temos dado à extensão do Reino do Senhor?...»



Para a «Voz da Fátima» uma saudação de reconhecimento e uma palavra de júbilo.

Uma saudação de reconhecimento, porque o meu coração sacerdotal pôde verificar com imensa alegria a grande força da Mensagem da Fátima. Foi indescritível a comoção que senti quando, na manhã do dia 13, contemplava do altar do Senhor e junto da Imagem da Virgem a multidão dos fiéis que enchia a grande esplanada e se amontoava nas varandas e recantos da Colunata; compreendi então que só uma voz divina podia atrair aquela multidão, ali reunida através de grandes sacrifícios e movida unicamente do desejo de venerar a Mãe Celeste, comunicar-lhe os sentimentos do seu amor, dar-lhe a conhecer os seus sofrimentos e esperar um sorriso seu.

Se à vista de tal espectáculo exultou de júbilo o meu coração sacerdotal, não menor comoção experimentou ao celebrar a Santa Missa na Capela das Aparições e no decurso da Oração litúrgica vinham-me à mente as palavras do Evangelho: «Graças Te dou, ó Pai, porque escondeste estas coisas aos sábios e as revelaste aos pequeninos e aos simples».

A saudação de reconhecimento acrescento uma palavra de júbilo. Há quarenta anos que eu visitei Portugal. A fé cristã, certamente, não estava apagada, mas, pelas perseguições sofridas, estavam os ânimos algum tanto deprimidos, os templos quase vazios, a educação cristã reduzida e banida das escolas. Ressoou, porém, a Voz da Fátima e foi como o acender-se dum fogo salutar de bênçãos e graças.

Que a Voz da Fátima continue a fazer-se ouvir em Portugal e no mundo inteiro como programa de vida, como esperança na angustiosa agitação dos espíritos, como garantia de bem estar social.

Caetano Card. Cicognani.

No Altar do amor divino

Soaram as 6 e 30. No interior da Basílica continuava a série ininterrupta de Missas iniciada três dias antes. Em muitos altares já há horas se celebravam outras Missas, por todas as Capelas do Santuário. Mas a Missa da Comunhão Geral entra no programa oficial de todas as peregrinações mensais. Frente à Basílica, a multidão comprimia-se, estendendo-se a massa escura em mancha muito alongada. O sol, tingindo o nascente, não tardou em espreitar pelos rasgos das nuvens escuras de rebordos brancos.

Subiu ao altar Mons. Cutberto O'Gara, Bispo de Yüanling, na China, onde foi preso e de onde foi expulso pelos comunistas, e actualmente residente em Union City, Nova Jersey, nos Estados Unidos.

Vinte e três mil peregrinos receberam então Nosso Senhor Sacramentado, distribuído em todo o recinto por numerosa equipa de Sacerdotes.

Fátima é, verdadeiramente, o «Altar do Mundo», não apenas o altar de Maria, como determinada propaganda tendenciosa se esforçava em fazer acreditar. Se há no mundo centro eucarístico que se iguale à Fátima, haverá algum que o supere em número de Comunhões e em fervor e fé?

A chave do «Monumento»

Surgiu a formosíssima ideia de, em comemoração do 40.º aniversário das Aparições, se erguer no Santuário da Fátima um Monumento de feição inédita, de feitura divina, de projecção eterna: um Monumento Espiritual, erguido na Capela das Aparições, formado pelo Santo Sacrifício da Missa celebrado em cada dia do Jubileu — de 13 de Maio a 13 de Outubro — oferecido ao Imaculado Coração de Maria para impetrar de Deus a conversão dos pobres pecadores. A ideia, concebida pelo Rev.º P.º Van Es, S. V. D., foi tão vigorosamente realizada que, levantado o primeiro padrão comemorativo dos 40 anos, o movimento continua no mesmo ritmo — a Missa diária — a fim de se salvarem as almas em perigo de se perderem eternamente.

A chave do primeiro Monumento Espiritual pode dizer-se que foi o soleníssimo Pontifical do dia 13 e todas as cerimónias oficiais dessa hora maior.

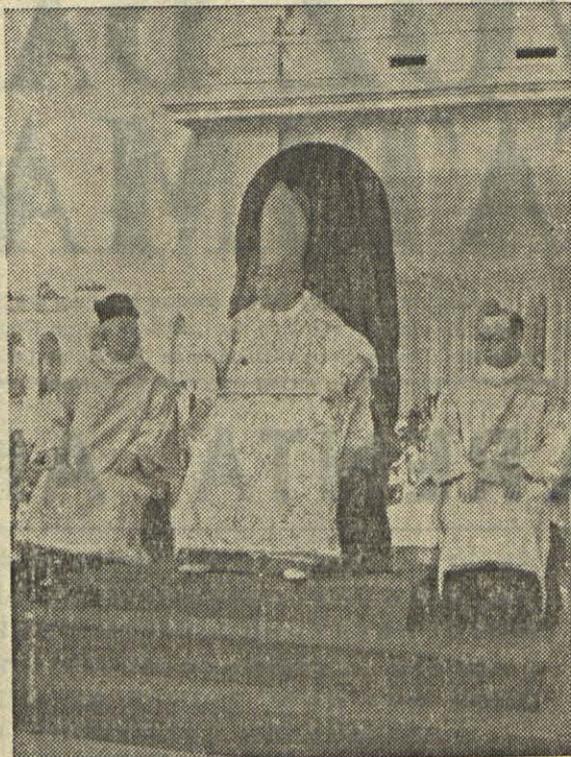
Pelas 10 horas iniciou-se a reza do terço. Formou-se a primeira procissão do dia, luzidíssimo cortejo em que enfileiravam irmandades, associações, uniformes, fardas enriquecidas de galões. Tremulavam bandeiras e pendões, nacionais e estrangeiros, ao sopro da brisa que suavizava o ambiente aquecido. A Imagem de Nossa Senhora, envolta em flores de jaspe, saiu finalmente da Capelinha, tornando-se centro da massa rolante e compacta que a seguia. A ovacionava, Lhe dirigia súplicas e louvores.

Junto do monumento do Sagrado Coração de Jesus incorporaram-se na procissão os venerandos Prelados portugueses e estrangeiros — Senhores Arcebispos de Cízico e Mitilene, e Bispos de Limira, Lamego, Nampula, Algarve, Porto Amélia, do Episcopado Português, antecédidos pelo Senhor D. João Pereira Venâncio, que representava o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, de quem é digno Auxiliário; e do estrangeiro: Mons. A. C. Meyer, Arcebispo de Milwaukee (Estados Unidos); Mons. O'Gara, de Yüanling; Mons. Thijssen, Vigário Apostólico na Indonésia; Mons. Hanssen, Bispo Coadjuutor de Roermond (Holanda); Mons. Fourrey, Bispo de Belley (França). Antecedendo imediatamente o Eminentíssimo Cardeal Cicognani rodeado da sua Comitiva, seguia o Nuncio Apostólico Senhor D. Fernando Cento.

Ao lado do Evangelho, muito perto do trono em que Nossa Senhora assentava num vergel florido, erguia-se o sólio de Sua Eminência o Cardeal Cicognani.

Começa o Pontifical, celebrando-se a Missa da Dedicção da Basílica da Fátima. Foi presbítero Assistente o Rev. Cónego Dr. José Galamba de Oliveira; Assistentes ao sólio, Revs. Mons. Dr. Marques dos

★
Sua Eminência o Cardeal Cicognani durante a Missa de Pontifical. Tem à sua direita Mons. Manuel Marques dos Santos, Director de «Voz da Fátima», e à esquerda o Cónego Amílcar Martins Fontes, até há pouco Reitor do Santuário.
★



Santos e Cónego Amílcar Martins Fontes; Acólitos, os Revs. Dr. Américo Henriques e P.º Domingues Gaspar; Cerimoniários, Mons. Cocchetti, da Sagrada Congregação dos Ritos, e Rev. P.º Gameiro, da Sé Catedral de Leiria; Fâmulo, Mons. Laboa, Teólogo da mesma Sagrada Congregação e Secretário de Sua Eminência.

Da notável alocução proferida por Sua Eminência o Cardeal Celebrante, que a «Voz da Fátima» publicará na íntegra, deixaremos aqui um recorte: — «Sim, no mundo inteiro, por toda a arte, o nome da Fátima suscita entusiasmo e esperança, é semelhante a um choque que faz com que o espírito prorrompa imediatamente numa exclamação de afecto, murmure espontaneamente uma oração, suplicando a realização das vossas promessas, Virgem da Fátima».

O Senhor Bispo Auxiliar de Leiria renovou a Consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria. E o venerando Senhor D. José Alves Correia da Silva, cujo episcopado permanecerá para sempre estreita e profundamente travado com a Mensagem da Fátima, dirigiu ao povo a palavra, escutada com aquela devoção com que os filhos ouvem a voz querida do Pai que temem perder.

Os doentes, cujo número se elevava a cerca de 700, receberam a Bênção Eucarística individual dada por quatro Prelados: os Senhores Nuncio Apostólico, Arcebispos de Cízico e Mitilene e Bispo de Lamego. Pegaram nas umbelmas os Senhores D. Duarte Nuno, Duque de Bragança, o Governador Geral da Índia Portuguesa, o Capitão General de Madrid e o Governador Militar de Lisboa.

Finalmente, a Bênção Eucarística, seguida da Bênção Papal, descem sobre a imensa multidão. E põe-se em marcha a «Procissão do Adeus».

Quem veio cá?

Mais de 400.000 peregrinos teriam estado na Fátima nos dias desta grande romagem.

Com Sua Eminência o Cardeal Cicognani vieram de Roma o seu Secretário Mons. José Sebastian Laboa e Mons. Orazio Cocchetti, Cerimoniário da Sagrada Congregação dos Ritos.

Além das personalidades já citadas, muitas havia a destacar; mas é impossível alongar a lista dos seus nomes. Apenas alguns: a Esposa do Chefe do Estado, Senhora D. Berta Craveiro Lopes, o Governador-Geral da Índia Portuguesa, Senhor General Benard Guedes e Esposa; D. Miguel Rodrigues, capitão-general, Comandante Militar de Madrid; Humberto de Sabóia, ex-Soberano da Itália; Ministros da Colômbia e do Chile acreditados em Lisboa; Rev. Van Es, escritor e grande

apóstolo de Nossa Senhora da Fátima, fundador do «Monumento Espiritual» pela conversão dos pecadores; Mons. Harold Colgan, fundador do Exército Azul; Rev. P.º Hupperts, de Lovaina, Vigário da Congregação dos Monfortinos.

Estavam representados, em numerosíssimos grupos organizados, quase todas as Nações da Europa. E havia indivíduos de todos os Continentes suplicando em uníssono para o nosso pobre mundo a graça da Paz.

Com os Servitas da Fátima, trabalhando em pavilhão distinto, a D. C. T. colaborou na assistência aos peregrinos enfermos. Soldados e Enfermeiras americanas, da 10.ª Divisão de Artilharia das Forças Americanas estacionadas na Alemanha, em Wurzburg, também se apresentaram na Fátima com o seu Capelão Rev. P.º Paulinus Karlin.

Finalmente uma referência aos 35 membros das Forças Aéreas norte-americanas, grupo presidido pelo capitão Rev. George Fischer, que vieram como peregrinos ao local onde Nossa Senhora revelou ao Mundo promessas de salvação.

Um eco e um convite

Ao terminar a sua alocução o Eminentíssimo Cardeal Cicognani recitou uma estrofe, tirada de magnífico hino à Santíssima Virgem, que ficou a reboar em eco nas quebradas da serra, nas vertentes do orbe, nas planuras dos oceanos, no fundo das almas, ao perto e ao longe, levadas no éter das ondas hertzianas. É um convite. E se o Mundo o escutar, Deus amercear-se-á ainda do seu povo. Ele que repete, através dos tempos, o convite de salvação às nações.

Grave-se, pois, esse convite do hino de Laudes da festa do Santíssimo Rosário:

VINDE, POVOS: E MEDIANTE OS MISTÉRIOS DO ROSÁRIO COLHEI ROSAS; E TECEI COM ELAS COROAS PARA ADORNAR A VIRGEM MÃE.

Do mesmo hino colhemos uma saudação a Maria, e ela seja o fecho desta crónica que modestamente relata os dias gravados em caracteres de ouro nos anais do Santuário da Fátima:

AVE, IN TRIUMPHIS FILII,
IN IGNIBUS PARACLITI,
IN REGNI HONORE ET LUMINE,
REGINA FULGENS GLORIA.

V. de M.

GRAÇAS

de Nossa Senhora da Fátima

EVITOU A OPERAÇÃO

António José da Silva, Outiz, Famalicão, Minho, diz que tendo a sua esposa doente, havia meses, foi-lhe feita uma radiografia, em presença da qual necessitava duma intervenção cirúrgica por sofrer de apendicite crónica. Antes, porém, de ser operada à apêndice, teve de mandar extrair um volumoso quisto que tinha no pescoço. Aconteceu que ficou tão prostrada com tal intervenção cirúrgica, que não se sentiu com coragem para uma segunda. Seu marido pensou que recorrendo a Nossa Senhora da Fátima, evitaria a operação da esposa, e assim sucedeu, pelo que vieram ambos já ao Santuário da Fátima agradecer à Mãe de Deus e publicam agora a graça alcançada, para glória de Nossa Senhora. Tudo isto atesta o Rev. Pároco de Cavalões e Outiz, P.º António Macedo Araújo.

SAÚDE DOS ENFERMOS

D. Eufêmia Maria Assis de Barros Mota, de Santo António das Antas, Porto, refere as graças que seguem, autenticadas pelo Rev. Pároco, P.º Joaquim Teixeira Carvalho de Sousa. Seu tio José Marques d'Assis Andrade teve uma congestão pulmonar, com hemoptises, pelo que o médico mandou separar tudo e sair de casa uma filhinha de quatro anos para evitar o contágio. Cheia de fé e confiança em Nossa Senhora da Fátima, a Ela recorreu, pedindo-Lhe a cura de seu tio. Efectivamente a graça foi alcançada. Tirada nova radiografia, foi verificado pelo médico que a cura era completa.

A mesma senhora conta a cura de sua mãe, que dois anos havia vinha sofrendo de nevrite ciática. Pediu a Nossa Senhora que a curasse e efectivamente curou-se por completo.

DUPLA GRAÇA

D. Adelaide de Amorim Cavalcanti, casada, residente em Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, estando o seu marido a sofrer de doença incurável e contagiosa, havia um ano, doença que se agravou muito em 5 de Maio de 1952, chamados dois médicos, ambos foram de opinião tratar-se dum caso fatal, havendo apenas a esperança em certo medicamento de muito difícil aquisição, pois que ainda não tinha sido posto à venda no Brasil. Nessa hora angustiada recorreu a Nossa Senhora da Fátima no sentido de que Lhe fizesse encontrar o referido medicamento, prometendo confessar-se e comungar, o que já havia 28 anos não fazia, e mandar celebrar uma Missa em acção de graças.

Tudo aconteceu como pediu a Maria Santíssima e, por isso, vem com seu esposo restabelecido, render graças a Nossa Senhora.

CURA ESPONTÂNEA

José Rodrigues de Araújo, solteiro, de 24 anos de idade, natural e residente na freguesia de Crasto, concelho de Ponte da Barca, tendo-se ferido gravemente com uma foíce, na mão esquerda, e vendendo-se impossibilitado para o trabalho, por não poder abrir a referida mão, recorreu a Nossa Senhora da Fátima e num espaço de 24 horas, sentiu-se completamente curado.

Isto confirmam o Rev. Pároco Alberto dos Reis, e o atestado clínico que vinha junto, do Dr. Carlos Augusto Cruz de Araújo.

FERIDA VARICOSA

Rosa Maria da Cruz, casada, de 76 anos de idade, natural e residente na freguesia de Crasto, concelho de Ponte da Barca, sofrendo, há mais de cinquenta anos, duma ferida varicosa, que tomando-lhe a parte inferior da perna, a não deixava andar, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, por ocasião da visita que a sua Imagem Peregrina fez a este Arciprestado e, dias depois, sentiu-se completamente curada, facto que é confirmado pelo seu Pároco Rev. P.º Alberto dos Reis, à face do respectivo atestado clínico.

Alocução do Eminentíssimo Cardeal Cicognani

Como dizemos noutra lugar, o Eminentíssimo Cardeal Cicognani presidiu, na Fátima, à peregrinação do dia 13 de Outubro. Publicamos na íntegra a notável alocução que Sua Eminência pronunciou no Solene Pontifical.

Peço desculpa da minha ousadia em falar português, sem ter um conhecimento adequado desta harmoniosa língua, mas sei que posso contar com a benevolência indulgente dos meus ouvintes, que, neste meu esforço para me fazer compreender, não-de ver mais um testemunho de afecto e admiração pela nobre Nação Portuguesa. A ela me une uma recordação longínqua mas sempre presente no meu espírito, viva hoje mais que nunca, porque unida e contemporânea à Mensagem de Fátima, admiravelmente encastada no quadro dos acontecimentos a que se dá o nome de «Maravilhas da Fátima».

Esta minha recordação remonta ao início das Aparições; e porque a mão de Deus é que dirige os homens, trata-se dum acontecimento que eu considero movimento ascensional, no campo social e religioso, a que subiu a Nação Portuguesa, graças precisamente às maravilhas da Fátima.

Refiro-me ao reatar das relações diplomáticas entre Portugal e a Santa Sé em mil novecentos e dezóito, pouco depois das manifestações da Santíssima Virgem. Apraz-me recordar este acontecimento e recordo-o com profunda emoção, porque tive a felicidade de ser uma testemunha directa e a honra de ser um insignificante colaborador, além de que me proporcionou a ocasião de estudar de perto a história de Portugal e me dá, hoje, ensejo para verificar a sublime ascensão deste povo.

Depois de vários anos de trágicas e dolorosas convulsões, depois de uma perseguição sistemática contra a Igreja e as suas Instituições, Portugal, que na história da Igreja e do mundo civil tinha realizado uma acção de cultura e expansão admirável; que tinha defendido os ideais cristãos em gloriosas batalhas contra a invasão maometana; que, juntamente com a Espanha, tinha difundido prodigiosamente a verdade do Evangelho no novo e velho mundo, — num desvairedo momento volta-se furiosamente contra a Igreja, e, quebrando o fio das suas tradições, parecia querer transformar-se em inimigo decisivo de Cristo e feroz destruidor da sua doutrina.

«Exultaram os portugueses ao verem que a sua Pátria reatava os fios despedaçados da sua História»

Mas eis que, ao raiar do ano de 1918, poucos meses depois das aparições da Fátima e quando delas se não tinha ainda o conhecimento que mais tarde se havia de ter, o representante do Governo Português em Madrid, um ilustre médico há pouco falecido, iniciava as negociações com o representante da Santa Sé em Espanha, o saudoso Cardeal Ragonessi, para estudar o modo de reatar as negociações diplomáticas de Portugal com Roma.

Estas negociações decorreram num ambiente de mútua cordialidade e de grande compreensão, de tal maneira que bem depressa se chegou a um acordo. O Nuncio de Espanha que, entretanto, tinha informado a Santa Sé, foi então convidado pelo Governo Português a ir visitar Lisboa para tratar oficial e concretamente das negociações. Partiu de Madrid a 24 de Junho de 1918, tendo-o acompanhado como Secretário. Poucos dias depois realizava-se no Parlamento uma sessão solene, onde era aprovada a lei que permitia o reatamento das relações diplomáticas entre Portugal e a Santa Sé. Foi enorme a surpresa, pois eram passados poucos anos após a clamorosa publicação da célebre lei da separação entre a Igreja e o Estado. Exultaram, por isso, os portugueses, ao verem que a sua Pátria reatava os fios despedaçados da sua história. Os grandes defensores e agitadores do laicismo sentiram-se desconcertados com a rapidez da aprovação da lei e com a alegria com que foi recebida; não tiveram, todavia, coragem de reagir, e muito menos de organizar e promover demonstrações de protesto; o ambiente social e religioso estava já a transformar-se. Não reagiram mas recorreram ao atentado; e poucos meses depois, em Dezembro daquele mesmo ano, quando o Chefe do Governo quis dar à Nação a sua natural fisionomia, reconduzindo-a à missão que a Providência Divina lhe havia confiado, como primeiro passo para o reatamento das relações com a Santa Sé, foi vilmente assassinado. Mas nem o seu nome nem o seu gesto foram apagados da História de Portugal.

«O trabalho, o esforço, a colaboração dada por Portugal à missão da Igreja»

Desde então, desde aquele Junho de 1918, estreitaram-se cada vez mais as relações com Roma, até se chegar à Concordata de 1940, como das Aparições da Fátima se chegou a esta manifestação de Fé.

Traçando em linhas magistrais a história da Nação Portuguesa, o Santo Padre, na Rádio mensagem de 1942 por ocasião do encerramento das Festas Jubilares da Fátima, afirmou: «Numa hora trágica de trevas e desvairamento, quando a nau do Estado Português, perdido o rumo das suas mais gloriosas tradições, desgarrada pela tormenta anti-cristã e anti-nacional, parecia correr a seguro naufrágio, inconsciente dos perigos presentes e mais inconsciente dos futuros — cuja gravidade, aliás, nenhuma prudência humana, por clarividente que fosse, podia prever — o Céu, que via uns e previa os outros, interveio piedosamente e das trevas brilhou a luz, do caos surgiu a ordem, a tempestade amainou em bonança, e Portugal pôde encontrar e reatar o perdido fio das suas mais belas tradições de Nação Fidelíssima, para continuar como nos dias em que 'na pequena casa lusitana não faltavam cristãos atrevidos para a lei da vida eterna dilatar' na sua rota de glória de povo cruzado e missionário».

Durante o período que naquele longínquo 1918 passei em Portugal, tive ocasião de conhecer largamente estes gestos cavalheirescos e missionários, através dos maravilhosos monumentos históricos e artísticos, visitando algumas das principais cidades que guardam tesouros de gloriosas e imorredouras tradições. Lembro-me, entre todas, de Coimbra, cuja Universidade foi, através dos séculos, um farol de sabedoria humana e divina; do resplandecente Porto, da religiosa Braga, famosa pelos seus Concílios. Mas sobretudo formei, por meio desta visita, uma ideia clara da força expansiva de Portugal nos continentes do velho e do novo mundo, deixando por toda a parte o selo das verdades evangélicas: um minucioso atlas que eu estudava e consultava, indicando ao meu espírito o trabalho, o esforço, os serviços e a colaboração dada por Portugal à missão da Igreja, que é a

de levar a todos os povos a luz de Cristo.

«O prodígio da luz que da Fátima se expande sobre o Mundo»

Mas a missão de Portugal não terminou ainda; reentrando na sua carreira histórica, às antigas façanhas deve juntar novas empresas e entre estas, a de anunciar ao mundo nesta hora de agitação angustiosa, a Mensagem da Fátima, que outra coisa não é senão a Mensagem de Cristo. E para que a Mensagem da Fátima fosse acreditada, para que tivesse a força da persuasão e suscitasse o entusiasmo dos corações, ela veio-nos através das extraordinárias aparições, ontem tão ásperamente discutidas e ferozmente combatidas, e hoje tão maravilhosamente triunfantes. As Aparições sucederam às graças, os prodígios de Maria; prodígios do espírito, prodígios da natureza, mas, como bem observa o Padre Fonseca e todos os escritores da Fátima, acima de todos, o prodígio desta assembleia de Fé e Amor, desta luz que da Fátima se expande sobre todo o mundo.

Considerando hoje os acontecimentos da Fátima, parecem-nos altamente proféticas as palavras dum santo português, do santo mais popular de Portugal e do mundo, Santo António, elevado pelo Santo Padre à honra dos Doutores da Igreja. No comentário por ele feito ao mistério da Anunciação lê-se: «*psa Virgo facta est quasi arcus refulgens, signum foederis et reconciliationis inter nebulas gloriae, id est, inter Deum et peccatores.*»

Que diferença entre o Portugal de 1917 e 1918 e o Portugal de hoje; que diferença entre a Cova da Iria daquela época, terra de solidão e abandono, e a Cova da Iria de hoje, onde se erguem grandiosos monumentos de Fé, onde o espaço se torna cada vez mais pequeno para conter os peregrinos, aqui chegados de toda a parte. Numã negra e diabólica pseudo-profecia de há 40 anos, anunciava-se o desaparecimento, até ao último resíduo, da religião de Cristo na Terra de Maria... É supérfluo demonstrar a ridícula presunção de tal anúncio, diante dos grandiosos acontecimentos que, de há 40 anos, se vão desenrolando neste lugar, num crescente incrível.

CONTINUA

ESTÁTUA DE S. JOÃO EUDES

No passado dia 10 de Outubro, mais uma grandiosa estátua entrou na Basílica e ali foi benzida, para um dos nichos que ainda estão sem elas. Procedeu à cerimónia litúrgica da bênção S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo Auxiliar de Leiria, a seguir à Santa Missa celebrada pelo Assistente Geral da Congregação dos Padres Eudistas, com sermão do Sr. P.^o José Tarcísio, S. V. D..

S. João Eudes, Santo ainda pouco conhecido em Portugal, foi o primeiro grande apóstolo do culto aos Sagrados Corações de Jesus e Maria — pela pena, pela palavra e pelas suas Fundações — e como tal lhe foi prestada esta consagração, destinando lugar condigno para a sua estátua no interior da Basílica.

Nasceu o Santo em Ri, na Normandia (França), em 1601, e morreu em 1680. Pregador incansável, foi forte adversário da heresia jansenista e um dos fundadores dos primeiros Seminários Maiores em França.

Em 1643, fundou a Congregação de Jesus e Maria (Eudistas), destinada à formação do Clero e às missões entre os fiéis. Dois anos antes tinha fundado a Ordem de Nossa Senhora da Caridade do Refúgio, da qual nasceu, sob o impulso de Santa Maria Eufrásia Peletier, a Congregação do Bom Pastor. Fundou igualmente a Ordem Terceira Eudista.

S. João Eudes foi principalmente o apóstolo do culto aos Santíssimos Corações de Jesus e Maria, em honra dos quais ele compôs os Offícios e fez celebrar as Festas. Em 1903, o Santo Padre Leão XIII declarou-o «Autor do culto litúrgico dos SS. Corações de Jesus e de Maria».

No decreto da Beatificação, em 1909, o Santo Padre Pio X proclamou-o «Pai, Doutor e Apóstolo da devoção aos Sagrados Corações».

Pio XI confirmou esses títulos com o decreto da Canonização, em 31 de Maio de 1925.

As Religiosas de S. João Eudes já têm uma casa na Cova da Iria

1 milhão de missas pela definição da Mediação Universal de Maria

Estamos no século de Maria. Os seus triunfos sucedem-se em ritmo acelerado.

Está tudo? Não. Falta ainda uma pedra preciosa com que queremos ver adornada a frente da nossa Rainha e Mãe: a definição dogmática da Mediação Universal de Maria.

Como alcançaremos esta graça? Trabalhando, estudando, pedindo ao Santo Padre a definição? Certamente. Temos, porém, nas mãos uma outra arma muito poderosa — a oração. E não há oração mais bela e eficaz que o Santo Sacrifício da Missa.

Organizou-se no Brasil uma Cruzada para conseguir que em todo o mundo se ofereça um milhão de missas a Nossa Senhora para que Ela, em paga, alcance de Jesus a graça da definição dogmática da sua Mediação Universal.

O Secretariado Central do movimento já registou a celebração de 415 mil missas e espera para o ano — centenário das Aparições de Lourdes — completar o meio milhão.

Já contamos na «Voz da Fátima» qual foi a origem deste simpático movimento. A nossa pátria, terra de Santa Maria, tem de aderir inteiramente a esta campanha. Não pode ficar atrás de nenhuma

— a «Casa de Nossa Senhora da Caridade».

outra nação. Não é, porventura, como medianeira de todas as graças que Nossa Senhora se mostra na Fátima? Parece-nos até que a mediação universal de Nossa Senhora, através do seu Coração Imaculado, representa o sentido mais íntimo e profundo da mensagem da Cova da Iria.

Na aparição de Junho, mostrou a Virgem Santíssima aos pastorinhos o seu Coração espalhando graças sobre todo o mundo. Em Julho disse que, por meio do seu Imaculado Coração, seria concedida ao mundo a paz, a conversão da Rússia e a salvação das almas.

A Jacinta, ao despedir-se da Lúcia, recomendava-lhe: «*Diz a toda a gente que Deus nos concede as graças por meio do Coração Imaculado de Maria, que lhas peçam a Ela...*» Estas palavras da Jacinta são a declaração explícita da Mediação Universal da Virgem Santíssima. É por Ela que Deus nos concede todas as graças. Assim se verifica o que escreveram os Santos Padres Leão XIII e Pio XI repetindo as palavras de S. Bernardo: «*A vontade de Deus é que alcancemos tudo por Maria.*»

Entre outras entidades, encarregou-se desta Campanha, em Portugal, o Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, Largo das Teresinhas, 5, Braga, ao qual já foram comunicadas, só até fins de Maio, mais de três mil missas.

Nossa Senhora da Justiça A CRUZADA DA FÁTIMA

NENHUMA criatura, como Nossa Senhora, cumpriu aqueles dois preceitos em que o divino Mestre, citando as Escrituras, resumiu a Lei e os Profetas: amor de Deus, de todo o coração, e amor do próximo, por amor de Deus. Os dois preceitos fundem-se, afinal, num só, porque no primeiro já está contido o segundo: quem verdadeiramente ama a Deus, não pode deixar de amar as criaturas. Se as não ama, é ilusório o seu amor a Deus.

Assim, Nossa Senhora, sempre abrasada no amor santíssimo de Deus, praticou para com os homens a justiça naquele grau de perfeição que na criatura pode atingir-se. E nem se ficou no simples cumprimento da justiça. Para além dela, uma caridade ardente, sem igual, que foi até à aceitação ou mesmo oferecimento da vida de seu Filho inocente, para resgate dos seus filhos pecadores.

Lesar fosse quem fosse, como poderia fazê-lo Nossa Senhora, se de todos é Mãe e se a todos ajudou a remir, unindo o seu ao sacrifício infinito de Jesus?

Sabêmo-la exactíssima no exercício das suas obrigações, no lar profundamente religioso de seus Pais. Votada muito nova ao serviço do Templo, segundo a Tradição, jamais houve menina que se lhe aproximasse na devoção para com os sacerdotes, no respeito para com as suas companheiras, na delicadeza para com os fiéis que iam oferecer seus sacrifícios.

Na Casa de Nazaré, a mesma inalterável suavidade de palavras e de atitudes. Para com Jesus e para com José, pedia-lhe instantaneamente o coração, e, nem pela grandeza infinita do Filho, nem pela virtude de seu castíssimo Esposo, podia ser de maneira diferente.

Mais difícil seria tratar com alguns dos seus conterrâneos, excessivamente apegados a bens materiais e com frequência rudes, sem delicadezas de coração.

A propósito das relações de Jesus com os Nazarenos, nos anos longos e silenciosos da sua vida oculta, lembra o P. Plus, quanto deveria sofrer o Senhor com as pequenas e grandes grosserias dos seus vizinhos, que iam à oficina fazer as suas encomendas. Interesseiros e complicados, não poupavam as palavras zombeteiras e os comentários deprimentes. E tudo o Senhor suportava com magnânima indulgência.

O mesmo pode dizer-se de Nossa Senhora. E, no entanto, jamais um pensamento imprudente ou temerário, uma palavra desabrida, uma crítica molesta, um comentário mordaz, uma acção que ferisse quem fosse em seus direitos e em sua legítima sensibilidade. Até nas horas ensanguentadas do Calvário, a Senhora manteve a mesma heróica serenidade. Se Jesus perdoou, de coração tão largo, como não havia de perdoar a Senhora, usando de clemência igual?

Com razão lhe chama a Santa Igreja «espelho de justiça». Vendo-nos a esse espelho, não podemos deixar de notar, se sinceros, as nossas imperfeições. Se as não notamos, então passou por nossa alma tal fúria de tufão, que a deixou desolada e insensível. Está moribunda ou já morta.

Efectivamente, até os santos terão de que arrepender-se e pedir perdão, neste capítulo vasto da sua vida. Mas neles, desde que iniciaram a ascensão luminosa para Deus, os defeitos são sombras. Nos homens do mundo, porém, chagas vivas, que lhes envenenam a alma e envenenam o meio ambiente. Dos outros pensam sempre o pior e julgam-nos com dureza cruel e clamorosa injustiça. Em sua boca, habitualmente palavras de recriminações intolerantes, ou reservas e reticências comprometedoras. Até os seus silêncios ferem como espadas. Vendo constantemente o arqueiro nos olhos do vizinho, não lhes repugna a crítica mordaz, nem a maledicência infamante, sem preocupações com as consequências da sementeira de mal.

Às vezes, hábilmente, esboçam um elogio, que logo é destruído pela adversativa demolidora. E atrás desta, como de costume, a difamação perversa, em torrente caudalosa, ou em corrente doce.

E nos movimentos da vida, o mesmo espírito de injustiça, que não se detém perante a vingança afrontosa e ferocidade sem alma.

Terrível, este meandro de insidiosas atitudes ou de lutas encarniçadas! E pergunta-se a gente, escandalizada e confusa, porquê esta atmosfera de animadversão destruidora e de ódio implacável. Na raiz de tudo, sempre o pecado do orgulho. O homem endeusa-se a si mesmo, e tudo o que não é turibulação servil, lhe parece diminuição de seus dotes e pessoas. Daí, sentir-se dolorosamente ferido com os triunfos alheios. Faz-lhe sombra o bem dos outros e com ele sofre. Torturado por inveja que inexoravelmente roí, desce a inconcebíveis baixezas. Tanto a inveja entrou dentro da sua alma, que frequentemente nem a nota, justificando com inocência cândida, perante a sua consciência, demolições de palavras e demolições de obras.

Deste espírito de injustiça, surge uma diferença de juízo e diferença de atitudes que por vezes arrepiam. Para uns, por laços de sangue, tendências de coração, ou interesses materiais, há branduras que não se explicam e lamentavelmente comprometem. Para outros, principalmente para os que ficam em grau inferior na escala social, rizezas aceradas, que escandalizam e revoltam.

Infelizmente, o mal é de todos os tempos e propaga-se como epidemia alarmante. É vulgar nas gentes do mundo, mas também muito boa gente religiosa não está isenta desta febre de injustiça — de pensamento, de palavras e de obras. A que se reduzem muitas das nossas reuniões, convocadas por altos motivos do espírito, às vezes mesmo com rótulo de apostólicas, e até quando se velam mortos?

Cada um de nós poderia fazer com proveito o seu exame de consciência. Em nossos juízos particulares, não pecaremos por pensamentos temerários? Em nossas conversas, porventura matizadas de palavras de carinhosa amizade, não atentaremos contra a fama do nosso semelhante? E em nossas acções cotidianas, principalmente quando está em jogo o nosso interesse material, ou a nossa vaidade pessoal, não feriremos os direitos legítimos dos nossos irmãos?

Mãe da celestial caridade, espelho da inalterável justiça, Nossa Senhora aponta-nos o caminho do dever. Na medida em que soubermos imitá-la, imitaremos o divino Modelo que é Nosso Senhor Jesus Cristo.

† MANUEL, Arcebispo de Évora

ORAÇÃO DO ANJO

«Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam».

Felicíssimo o nome de CRUZADOS com o qual, logo desde o princípio, o Episcopado Português consagrou os filhos da Pátria lusa que se dispunham a secundar a mensagem da Senhora como paladinos dum mundo novo.

Trata-se duma verdadeira Cruzada, que urge levar a cabo sem desfalecimentos ou transigências cobardes.

Há quarenta anos que a Virgem Santíssima veio soltar o brado de alerta e já é tempo de todos cairmos na conta de que alguma coisa de novo se fez ouvir na terra portuguesa. Causa realmente pena que, a estas horas, haja recantos ignorados e até vilas e cidades onde as multidões não se aperceberam ainda do clamor da Cruzada! Oxalá as festas jubilares dos quarenta anos volvidos tenham tido o feliz condão de acordar de vez a alma nacional e muitos, muitos portugueses venham a inscrever-se na aguerrida falange comandada pela Mãe de Deus.

De ora avante a «Voz da Fátima» passará a ter esta secção permanente, destinada aos «Cruzados da Fátima», informando os leitores da maneira como a campanha se vai realizando através de Portugal inteiro. Agradecem-se notícias interessantes que possam servir de incentivo ou despertar alento, as quais devem ser mandadas para a Junta Central da A. C., Campo dos Mártires da Pátria, 43, Lisboa.

PELO PAÍS

VALDIGEM (RÉGUA) — Terra de encantos naturais, alcandorada numa das mais belas regiões do Douro, impõe-se pela sua religiosidade e pela rija tempera dos seus habitantes. Foi ali pregada recentemente a Cruzada da Fátima e o povo acolheu-a com estremecimento de alma. Apesar de ser uma terra pouco populosa, em breve se organizaram 26 Trezenas e são distribuídos mensalmente 381 jornais.

CASTRO DAIRE — Vila progressiva da nossa Beira e das mais dedicadas à Virgem Mãe, é talvez das terras do norte do País uma das que conta mais Cruzados inscritos, após uma pregação à volta da mensagem da Fátima que o Rev. Pároco ali promoveu. São distribuídos por toda a paróquia 571 jornais da «Voz da Fátima» e estão inscritos 702 Cruzados nas 54 Trezenas.

SANDE (LAMEGO) — É sem dúvida a que merece a bandeira de honra entre as freguesias do concelho de Lamego, pois trata-se duma paróquia de pouco mais de 150 fogos e conta 23 Trezenas com 288 jornais distribuídos. Não obstante os males que nos rodeiam por toda a parte, há muito

a esperar desta freguesia, que assim corre para os braços da Mãe Puríssima, pondo nela as suas esperanças.

BARRÓ (DOURO) — Vai à frente das terras de Resende com 21 Trezenas que ali se organizaram. E é capaz de ir mais além, pois trata-se duma freguesia grande que tem por Padroeira Santa Maria Maior e a devoção bem sincera de tantos dos seus filhos.

LEVER (MOIMENTA DA BEIRA) — É a terra mais cristã de todo o concelho. O seu Pároco é um venerando Sacerdote que expõe ao seu povo, com singeleza e convicção, os pedidos da Senhora na Cova da Iria. E o povo acorreu com fervoroso entusiasmo a dar os seus nomes à gloriosa Cruzada de Maria. É uma terra pequena, onde não obstante se organizaram 24 Trezenas, passando a ser distribuídos 237 jornais.

QUEIMADA E QUEIMADELA — São duas freguesias muito irmãs, confiadas ao mesmo Pároco, situadas na região de Armamar. A pregação da Cruzada suscitou calorosa adesão da parte dos paroquianos e logo se organizaram 24 Trezenas. São distribuídos 286 jornais.

PALAVRAS DE UM MÉDICO

A'gua mole em pedra dura...

Volto a tratar hoje da limpeza, direi melhor da falta da mesma que por muita parte se patenteia. Falo, evidentemente, da do corpo, porque da outra, não posso nem quero tratar; o assunto é também muito actual, mas excede a minha competência.

Os fados levaram-me para fora do País, e, mesmo sem querer, muito tive de comparar. Graças a Deus, que em alguns aspectos o saldo foi positivo, mas neste da limpeza e da dignidade pessoal, estamos a perder e de muito longe. Porque copiar do estrangeiro tudo quanto é mau (desde as modas e das extravagâncias musicais, até outras coisas muito piores...) e não imitar o que é louável e benéfico? Tive de passar uns dias na Holanda, país que já conhecia através da colorida descrição de Ramalho e duma outra curta estadia, está a fazer três anos. Já o nosso escritor falava da esmerada limpeza deste pequeno grande povo, onde o catolicismo tantos progressos vai fazendo (30% da população, num país onde há dezenas de anos o protestantismo dominava; é ainda o partido católico o que detém a maioria no Parlamento neerlandês). E a actualidade não o desmente, apesar do que lá se sofreu com a última guerra, durante a ocupação estrangeira. É certo que o nível de vida, muito superior ao nosso, facilita a manifestação de tão evidente virtude, que com a educação se tem perpetuado através das gerações.

Mas, como explicar entre nós que a falta de higiene e o aspecto sujo do corpo e do vestuário não sejam apanágio exclusivo dos pobres, e se manifestem em pessoas remediadas e que a pouca limpeza se mascare sob roupa exterior de bom corte e bom pano e os odores do corpo mal lavado se misturem com os eflúvios dos perfumes?

Não, creio bem que, se um mínimo económico é indispensável, o problema basililar é educativo.

Temos de nos empenhar a fundo numa tarefa inadiável: educar, o mesmo que é dizer, dar ao esforço dispendido tão utilmente pelo nosso Governo, no combate ao analfabetismo, o seu natural complemento; por todos os meios, a todos os propósitos, devemos incutir o bom gosto, a delicadeza, a simplicidade, o asseio, o amor da verdade. Pois não será mentira, mau gosto, vaidade pura, grosseria, lavar a cara, pintá-la, fazer permanente, envergar um vestuário exterior de bom pano, sem nódoas e bem brunido, usar sapatos lustrosos e de bom cabedal, e trazer por baixo a roupa rota ou suja e ter lavado o corpo apenas no dia do nascimento? Ah! a preocupação da fachada, quando desaparecerá ela da mentalidade nacional? Quando veremos os portugueses modestos, simplesmente vestidos e ataviados, mais preocupados com a sua limpeza pessoal, com o mínimo compatível de conforto e de bom gosto nos seus lares, com o aperfeiçoamento da sua bagagem de conhecimentos do que empenhados em deslumbrares vizinhos e conhecidos com um luxo mentiroso e superficial, com a compra dum automóvel..., ou com a frequência de espectáculos fúteis, pouco ou nada instrutivos, quando não nitidamente perniciosos? Se todos fizermos um pequeno esforço e não formos de todo pessimistas, ser-nos-á dado, sem dúvida, assistir à transformação. Oxalá assim suceda: que a limpeza, a educação, o bom gosto, o nível de vida suficiente sejam o substrato material do aperfeiçoamento ético e espiritual que simultaneamente se impõe.

ABEL SAMPAIO TAVARES